

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC FÁBIO TAYAROL MARQUES

A ESTRATÉGIA NAVAL CHINESA PARA O SÉCULO XXI: A CHINA SE FAZ AO MAR
ADOTANDO RUMOS MAHANIANOS?

Rio de Janeiro

2014

CC FÁBIO TAYAROL MARQUES

A ESTRATÉGIA NAVAL CHINESA PARA O SÉCULO XXI: A CHINA SE FAZ AO MAR
ADOTANDO RUMOS MAHANIANOS?

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF Otacílio Bandeira Peçanha

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2014

AGRADECIMENTOS

A minha esposa Patrícia e ao meu filho Gustavo pela compreensão nos momentos de ausência inerentes à minha profissão e por serem minha fonte inesgotável de inspiração na caminhada da vida.

Ao amigo de outras singraduras, Capitão-de-Fragata Otacílio Bandeira Peçanha, pela paciência e sabedoria dispendidos nas inestimáveis orientações que em muito contribuíram para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem como propósito analisar o desenvolvimento do poder naval chinês moderno à luz do pensamento do estrategista e geopolítico norte-americano Alfred Thayer Mahan (1840-1914). O impressionante crescimento econômico chinês observado ao longo das últimas décadas vem ampliando a abrangência dos seus interesses nacionais pelos quatro cantos do planeta. Para defender seus interesses no mar, em particular suas linhas de comunicações marítimas, a República Popular da China tem buscado o desenvolvimento de uma marinha com capacidade de projeção oceânica. Busca-se aqui estabelecer uma correlação entre a estratégia naval chinesa e os preceitos formulados por Mahan e por conseguinte, verificar se concepções estratégicas clássicas ainda têm lugar nos dias de hoje.

Palavras-chave: República Popular da China, Mahan, Poder Marítimo, Poder Naval, Estratégia naval, Linhas de Comunicações Marítimas.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	A MARINHA DO EXÉRCITO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DA CHINA.....	11
2.1	A formação da Marinha do Exército de Libertação da China.....	11
2.2	A estrutura organizacional das Forças Armadas e as relações Civis Militares na China...	16
3	A ESTRATÉGIA NAVAL DA CHINA.....	19
3.1	A evolução da doutrina militar chinesa de 1949 aos dias atuais.....	19
3.2	Os interesses geopolíticos e econômicos da China.....	22
3.3	A Estratégia naval da China.....	24
3.4	Vulnerabilidades marítimas da China.....	28
4	A INFLUÊNCIA DE MAHAN NA ESTRATÉGIA NAVAL CHINESA.....	32
4.1	Principais elementos mahanianos no campo estratégico.....	32
4.2	Elementos mahanianos na estratégia naval chinesa.....	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS.....	43
	ANEXOS.....	48

1 INTRODUÇÃO

Após uma jornada incerta e às vezes angustiante, a China finalmente está chegando à visão acalentada por reformistas e revolucionários ao longo dos últimos dois séculos: uma China próspera exibindo capacidades militares modernas ao mesmo tempo que preserva seus valores distintos (KISSINGER, 2011, p.483).

A pujante evolução do crescimento econômico da República Popular da China (RPC) traz a reboque o incremento dos demais campos do seu Poder Nacional, quais sejam o político, o psicossocial, o da ciência e tecnologia e o militar, levando o país a atingir níveis inéditos de projeção em toda a sua milenar história. Para respaldar seus crescentes interesses econômicos, cada vez mais a RPC se volta para a construção de uma grande capacidade marítima, quer seja pelo estabelecimento de uma grandiosa marinha mercante, quanto pelo de uma marinha de guerra capaz de proteger seus interesses no mar.

No entanto, nem sempre a China¹ deu esta importância às questões ligadas ao mar. Desde a antiguidade a China foi um poder continental. Segundo BAKER e ZHANG (2012), as maiores ameaças à China desde os tempos mais remotos nunca foram marítimas, exceto por ocasionais ações de pirataria em seu litoral. Os chineses priorizavam a estabilidade da população e das fronteiras e uma economia agrícola em detrimento das oportunidades potenciais do comércio por via marítima. O comércio chinês com o restante do mundo se dava principalmente por rotas terrestres intermediado por mercadores em sua maioria árabes. O autointitulado “Império do Meio”, acreditando ter recebido o encargo divino de governar o mundo, não buscava conquistas expansionistas e se contentava em receber embaixadas de submissão dos demais povos do mundo, os “bárbaros” como assim consideravam.

¹ Doravante, utilizaremos o termo China para se referir à República Popular da China, ou China continental de regime socialista e o termo Taiwan para a República da China ou China Nacionalista com sede na ilha de Formosa (Nota do Autor).

De acordo com BAKER e ZHANG (2012), em alguns breves momentos de sua longa existência, os chineses experimentaram um certo desenvolvimento naval. Durante a dinastia Song (960-1279) foi observado um incremento no comércio e na navegação de cabotagem além da formação de uma marinha fluvial no norte do país para atuar no combate a tribos rebeldes. Durante a dinastia de origem mongol Yuan (1271-1368), ocorreram duas grandes tentativas de expedições navais, sendo uma contra o Japão e outra contra a Ilha de Java, tendo ambas fracassado². A última e maior experiência naval da China antiga ocorreu durante a dinastia Ming (1368-1664), quando o Almirante Zheng He³ (1371-1433) comandou uma série de expedições realizadas por uma grande esquadra chinesa que ficaram conhecidas como “as viagens do tesouro”, levando o pavilhão do “Império do Meio” às costas da África Oriental e ao Mar Árabe. Segundo KISSINGER (2011), na ocasião das viagens de Zheng He, a frota chinesa possuía uma vantagem impressionante, em tamanho, sofisticação e quantidade de navios, o que “fazia parecer brinquedo a Armada espanhola por nascer dali a 150 anos”⁴. Após a morte de Zheng He, sua esquadra foi desmantelada e a China mais uma vez se voltou para dentro de seu território. Os imperadores Ming subsequentes se afastaram a tal ponto de políticas marítimas que estabeleceram como medidas de combate à ameaça de piratas no litoral sudeste a migração forçada da população costeira 10 milhas continente adentro⁵.

Pouco mais de dois séculos após as viagens de Zheng He, os governantes da última dinastia imperial chinesa, a Qing (1644-1911), foram obrigados a realizar concessões de pontos estratégicos de seu litoral às potências ocidentais, notadamente à Inglaterra. O que,

2 No caso do Japão, na expedição de 1281, a esquadra sino mongol foi destruída por uma forte tempestade dando origem ao mito japonês do *Kamikaze* ou vento divino (KISSINGER, 2011).

3 O atual Navio Escola da Marinha da RPC leva o nome de Zheng He em seu costado (Nota do autor).

4 KISSINGER, *Op cit*, p.27.

5 KISSINGER, *Op cit*.

segundo BENNETT (2010), é denominado pela elite social e política chinesa como de “século de humilhação” tem início com a Guerra do Ópio (1839-1842), e constituiu um período de violações à soberania da China por potências marítimas estrangeiras. Mesmo após o estabelecimento da República Popular da China em 1949, data considerada por muitos chineses como o fim do “século de humilhação”, o país se concentrou na defesa do seu território continental e suas forças navais ocuparam um papel puramente de defesa litorânea (COLE, 2009). Porém, desde os anos 1990 esta postura vem se modificando gradativamente em função do acelerado crescimento econômico chinês. Mas seria esta mudança na doutrina militar chinesa com um aumento da importância do poder naval dentro do poder militar influenciada por alguma corrente de pensamento específica? Este autor propõe-se ainda a levantar uma outra questão: poderia um pensador ocidental considerado por muitos como um dos ícones da política imperialista influenciar a postura estratégica de uma nação dominada por um forte componente ideológico de origem marxista?

Este ensaio tem como propósito analisar o desenvolvimento do poder naval chinês moderno à luz do pensamento de Alfred Thayer Mahan (1840-1914), por meio de estudo comparativo, visando avaliar até que ponto teorias clássicas da guerra naval podem influenciar posturas estratégicas atuais.

Para tal, o trabalho será dividido em cinco capítulos. No capítulo dois, será abordada a formação da Marinha do Exército Popular de Libertação da RPC, discorrendo sobre a evolução doutrinária ocorrida desde seus primórdios até os dias de hoje. Em adição, será analisada a estrutura organizacional básica das Forças Armadas e a natureza das relações entre civis e militares na RPC, buscando identificar o grau de influência do poder político no ordenamento e na conduta estratégica do Poder Militar chinês.

No capítulo três, a Estratégia Naval chinesa em vigor será escrutinada, abordando

a evolução da doutrina militar chinesa desde a fundação da RPC, até os dias atuais. O contexto geopolítico, os interesses marítimos e comerciais da RPC na atualidade também serão analisados. Por fim, serão elencadas neste capítulo as vulnerabilidades atuais da RPC que podem prejudicar o desenvolvimento de sua estratégia naval.

No capítulo quatro, serão elencados os principais princípios estratégicos formulados por Mahan, buscando analogias com a Estratégia Naval chinesa em curso.

Por último, pretende-se avaliar o grau de influência das premissas formuladas por Mahan na estratégia naval conduzida pela RPC na atualidade. Busca-se, assim, verificar se conceitos estabelecidos por pensadores clássicos ainda têm seu valor nos tempos modernos e se, mesmo com adaptações, ainda podem nortear a condução de políticas marítimas por nações de grande contexto no cenário geopolítico internacional.

2 A MARINHA DO EXÉRCITO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DA CHINA

Este capítulo buscará analisar a formação da Marinha do Exército Popular de Libertação da RPC, desde sua fundação até os dias de hoje, abordando sua evolução em termos doutrinários e materiais. Também será apreciada a estrutura organizacional básica das Forças Armadas e a natureza das relações entre civis e militares na RPC no intuito de mensurar o grau de influência do poder político dentro do ordenamento militar chinês.

2.1 A FORMAÇÃO DA MARINHA DO EXÉRCITO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DA CHINA

O Livro Branco de Defesa da China de 2013 (CHINA, 2013) define que as Forças Armadas do país são compostas pelo Exército Popular de Libertação, pela Força de Polícia Armada do Povo e pela milícia. O Exército Popular de Libertação (EPL) por sua vez é composto pela Força Terrestre do EPL, pela Marinha do EPL, pela Força Aérea do EPL e pelo Segundo Corpo de Artilharia do EPL, o qual é responsável pela força de mísseis estratégicos. Na verdade, o EPL é uma força militar unificada na qual a Marinha e a Força Aérea são ramos de apoio das forças terrestres⁶.

Assim, a Marinha do Exército Popular de Libertação chinês (MEPL) tem suas origens na criação do próprio EPL. O EPL foi fundado em agosto de 1927 como braço armado do Partido Comunista Chinês (PCC) em sua luta contra o Partido Nacionalista (ou *Kuomintang*) durante a Guerra Civil Chinesa (1927-1949). Inicialmente, ele recebeu o nome de Exército Vermelho, passando a ter a atual denominação em 1946. Por volta de 1934, Mao Zedong (1893-1976)⁷ assumiu a liderança do PCC e estabeleceu o sistema de controle do PCC

6 CARRIÇO, 2004.

7 As duas formas mais comuns de transliteração de caracteres chineses para o alfabeto latino são os métodos Wade-Giles, predominante até a década de 1980, e o pinyin, oficialmente adotado pela RPC em 1979 e o

sobre o EPL, com a instituição de comissários políticos com as tarefas de garantir a pureza ideológica e a lealdade da tropa ao Partido, que, com algumas alterações, permanece até os dias de hoje. Lutando contra o *Kuomintang* e contra os invasores japoneses, o EPL se notabilizou pela condução de uma eficiente guerra de guerrilhas levando o PCC à vitória na guerra civil e ao estabelecimento da RPC em 1º de outubro de 1949. O líder nacionalista derrotado Chiang Kai-Shek (1887-1975) abandonou o continente e refugiou-se na Ilha de Formosa com os remanescentes de seu exército fundando um regime capitalista com o apoio dos Estados Unidos da América (EUA)⁸.

Segundo COLE (2009), a primeira Força Naval do EPL foi estabelecida ainda antes da formalização da RPC, em 1º de maio de 1949, com a denominação de Marinha do Comando Militar do Leste da China. Seus meios eram compostos basicamente por navios de defesa costeira e suas tripulações que haviam desertado do Exército Nacionalista. Suas tarefas principais eram defender o litoral da China contra “agressões imperialistas vindas do mar”, prosseguir na luta contra as forças nacionalistas e ajudar na reconstrução econômica da nação. A Marinha do Exército Popular da China (MEPL) foi oficialmente estabelecida em maio de 1950. A liderança chinesa justificava a nova marinha como necessária para defender a independência, a soberania e a integridade territorial da China contra agressões imperialistas, destruir o bloqueio marítimo deliberado da China, apoiar as forças terrestres e aéreas do EPL na defesa do solo chinês e exterminar todas as “forças reacionárias remanescentes”⁹.

Para a construção de sua embrionária marinha, Mao Zedong recorreu a seu aliado

mais empregado atualmente. Este ensaio utilizará os termos mais conhecidos pelo público em geral a fim de facilitar a compreensão pelo leitor. Por exemplo, o célebre estrategista da antiguidade Sun Tzu e o líder nacionalista Chiang Kai-Shek tem suas grafias mais conhecidas no método Wade-Giles. A grafia pinyin seria Sunzi e Jiang Jieshi, respectivamente. No caso de Mao, o pinyin Mao Zedong e o Wade-Giles Mao-Tse-Tung são bem conhecidos no mundo ocidental (Nota do Autor).

8 KISSINGER, 2011.

9 COLE, 2009, p.321.

mais poderoso: a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Durante visitas realizadas à URSS no período de 1949-1950, Mao Zedong conseguiu suporte financeiro, equipamentos e uma comissão de assessores navais soviéticos para a articulação inicial da MEPL. De acordo com COLE (2009), a influência soviética determinou a formação de uma MEPL voltada para a defesa costeira e constituída principalmente por unidades ligeiras de superfície e submarinos em consonância com os preceitos doutrinários adotados à época por Moscou. Além do grande número de conselheiros navais soviéticos, diversos oficiais da MEPL realizaram cursos na URSS, incluindo seu primeiro comandante, o General Zhang Aiping (1908-2003). O inventário naval chinês cresceu de maneira rápida incorporando além dos meios herdados da Marinha Nacionalista, diversos outros de procedência soviética, principalmente navios patrulha e submarinos. Os soviéticos também auxiliaram no estabelecimento no país de uma grande infraestrutura de apoio para a MEPL, como estaleiros e centros de instrução. Em 1952, foi formada a Força Aérea da Marinha do EPL (FAMEPL) com as tarefas de prestar apoio em missões anti-superfície e anti-submarino, sendo mobiliada com equipamento de origem soviética, desdobrada em Bases Aéreas sediadas próximas ao litoral. Embora Mao Zedong tivesse a mentalidade voltada para a guerra terrestre, ele esperava utilizar a MEPL para apoiar a retomada de Taiwan. Porém, as carências em pessoal adestrado e de navios adequados para operações anfíbias, bem como o apoio dos EUA ao governo de Shang Khai-Sheck tornaram a empreitada inviável (COLE, 2009).

Nas décadas de 1960 e 1970, alguns acontecimentos dificultaram o desenvolvimento da MEPL. O rompimento político entre a China e a URSS em 1959, levou a uma interrupção no fornecimento de tecnologia militar soviética causando grandes prejuízos à formação de pessoal e aos projetos de expansão em curso (COLE, 2009). Outro acontecimento desfavorável foi a eclosão da chamada “Revolução Cultural”, um movimento

político-ideológico desencadeado por Mao Zedong com o objetivo de eliminar as críticas que vinha sofrendo de setores dissidentes do PCC. A ocorrência de perseguições e expurgos causou grandes estragos nos meios políticos, intelectuais e militares conduzidos pelos chamados “Guardas Vermelhos”, grupo de jovens militantes que pregavam a prática estrita dos preceitos de Mao Zedong compilados no “Livro Vermelho” e que se opunham frontalmente à hierarquia militar (LOBO, 2010). A própria hierarquia militar tradicional foi suprimida do EPL, retornando somente no início da década de 1980¹⁰. Segundo COLE (2009), o único fato auspicioso para a MEPL neste período conturbado foi o início do desenvolvimento de Submarinos Nucleares Lançadores de Mísseis Balísticos (SSBM) e Submarinos Nucleares de Ataque (SSN)¹¹, como parte do programa nuclear chinês considerado prioritário por Mao Zedong.

Após a morte de Mao Zedong em 1976 e uma conseqüente disputa de poder no *Politburo* chinês chegou ao poder Deng Xiaoping (1904-1997). Membro da ala moderada do PCC, Deng Xiaoping abandonou a ortodoxia maoista e iniciou um programa de reformas pautado pela modernização nos campos da agricultura, indústria, ciência e tecnologia e defesa nacional (KISSINGER, 2011). Segundo COLE (2009), nos primeiros anos de seu governo, Deng Xiaoping deu mais ênfase na modernização da Força Terrestre, reafirmando as tarefas de defesa costeira da MEPL em função da ameaça representada pela URSS na fronteira norte.

O sucesso da política de Deng Xiaoping a partir do início da década de 1980, resultou na abertura comercial chinesa baseada no “socialismo de mercado” ou “socialismo com características chinesas”¹², gerando um rápido crescimento econômico do país, o que

10 O uso de postos e insígnias dentro do EPL foi retomado em 1980 por ordem de Deng Xiaoping após o desastroso desempenho do EPL na intervenção militar no Vietnã em fevereiro de 1979 (HECKSHER, 2007).

11 Abreviaturas para Ship Submersible Ballistic missile Nuclear powered e Ship Submersible Nuclear powered, respectivamente (Nota do Autor).

12 Segundo o pesquisador da Academia Chinesa de Ciências Sociais Shen Jiru, socialismo com características chinesas consiste em “combinar todos os bons genes do marxismo e todos os bons genes de outros países

resultou numa mudança de mentalidade da liderança do PCC quanto ao dimensionamento do EPL. A MEPL passou a aumentar seu poder progressivamente com o objetivo de deixar de ser uma força de defesa costeira e se tornar uma marinha de águas azuis. Outras áreas de interesse estratégico começaram a surgir aos olhos de Pequim. Além de Taiwan que ainda mantém a sua importância, o Mar do Sul da China, em função do crescente comércio exterior e da possibilidade de existência de jazidas petrolíferas, igualmente vem sendo encarado como importante ativo estratégico (LOBO, 2010).

Segundo COLE (2009), o fator primordial para o incremento do poder naval chinês foi a chegada do Almirante Liu Huaqing (1916-2011) ao posto de Comandante da MEPL em 1982. Oriundo da Força Terrestre do EPL, o Almirante Liu Huaqing foi transferido para a MEPL na década de 1950, cursou no Instituto Naval Voroshilov na URSS em 1958 e trabalhou por muitos anos na área de Ciência e Tecnologia. Membro do PCC e companheiro de longa data do líder Deng Xiaoping, Liu Huaqing estabeleceu uma estratégia de três estágios para a formação de uma marinha de águas azuis¹³, a qual norteou um grandioso programa de reaparelhamento. Amparado pelo crescente incremento da parcela devida à MEPL dentro do orçamento militar chinês, Liu Huaqing realizou uma ampla reorganização da força, reformulando o ensino profissional naval, restabelecendo o Corpo de Fuzileiros Navais, modernizando bases navais e estaleiros e lançando as sementes que germinariam na maior marinha da Ásia atualmente em número de meios. Após deixar o comando da MEPL, Liu Huaqing foi designado membro da Comissão Militar Central (CMC) do PCC, revertendo à Força Terrestre do EPL, trocando o uniforme branco da Marinha pelo verde do Exército e recebendo o posto de General. Chegou a ser Vice-Presidente da CMC e membro permanente

com os da civilização chinesa tradicional, visando beneficiar o povo chinês” (JIRU, 2001).

13 Coloquialismo usado para designar marinhas com capacidade de operar em alto-mar. Esta estratégia será abordada em detalhes no capítulo três (Nota do autor).

do *Politburo* do PCC, comprovando sua grande influência dentro da elite dirigente (GOLDMAN, 1996). Sua importância dentro da MEPL é tão reconhecida que muitos se referem a Liu Huaqing como o “Mahan Chinês”.

Segundo o Livro Branco de Defesa da China (CHINA, 2013), a MEPL possui atualmente um efetivo de 235.000 homens distribuídos em três comandos principais: a Esquadra do Mar do Norte sediada em Qingdao, a Esquadra do Mar do Leste sediada em Ningbo e a Esquadra do Mar do Sul sediada em Zhanjiang. Conforme o Departamento de Defesa dos EUA (EUA, 2014), a MEPL possui atualmente em operação 01 Navio Aeródromo, 49 Fragatas, 24 Contratorpedeiros, 58 submarinos (sendo 07 nucleares, dos quais 02 SSBN e 05 SSN), 58 navios anfíbios e 85 navios patrulha lançadores de mísseis superfície-superfície (MSS).

2.2 A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DAS FORÇAS ARMADAS E AS RELAÇÕES ENTRE CIVIS E MILITARES NA CHINA

De acordo com CARRIÇO (2004), existem assimetrias na estrutura organizacional do EPL que não permitem esboçar um paralelo em relação às Forças Armadas Ocidentais no que tange ao processo hierárquico-decisório, devido ao fato de que o EPL é um “braço armado” do Partido Político hegemônico. O modelo chinês para as Forças Armadas é baseado no da antiga URSS, fruto de uma origem revolucionária semelhante com a formação de um Exército Popular composto por uma grande Força Terrestre, tendo a Marinha e a Força Aérea como armas de apoio. “A origem do EPL é o PCC e não o contrário. O EPL é um Exército do PCC e da defesa da revolução”¹⁴.

Segundo CARRIÇO (2004), no topo da formulação da política de defesa nacional

14 LOBO, 2010, pg 9.

chinesa se encontra a CMC. A CMC é o órgão central das relações entre o poder político e o poder militar, sendo o máximo responsável pela política operacional nas áreas de segurança e defesa. Abaixo da CMC se encontram quatro grandes departamentos gerais: Estado-Maior Geral, Política, Equipamento e Logística. Os comandantes da Marinha, Força Aérea e do 2º Corpo de Artilharia encontram-se sob a subordinação direta do Departamento de Estado-Maior Geral.

No período de Mao Zedong era mais enfatizado o doutrinação ideológico dos integrantes do EPL do que a formação militar profissional. “Mais vermelho que especialista” era o lema. Com o advento das reformas de Deng Xiaoping, a formação militar profissional foi totalmente reformulada, com ênfase para as operações conjuntas para os quais o EPL não tinha nenhum preparo anterior. Apesar da maior profissionalização do EPL, o controle do PCC sobre os militares não diminuiu. A melhor definição para o EPL atual seria “um Exército de Partido com características profissionais” (CARRIÇO, 2004).

Outro ponto importante é o nível de preocupação do PCC com o desenvolvimento da capacidade militar da China. HECKSHER (2007), afirma que apesar de a RPC ter problemas sociais a serem resolvidos muito mais graves que os do Brasil, o governo jamais se descuidou das Forças Armadas. MCGREGOR (2012), afirma que Jiang Zenin e Hu Jintao enquanto presidentes da RPC sempre tiveram deferência especial no trato dos assuntos do EPL, seja provendo orçamentos crescentes para o incremento de seu poderio, seja realizando constantes visitas a suas unidades militares e órgãos de ensino ou trajando respeitosamente a tradicional túnica verde-oliva de Mao durante as revistas militares formais a despeito de suas origens civis. Consequentemente, o crescimento dos gastos com defesa prossegue, alavancado pelo exponencial crescimento econômico do país.

De maneira parcial, este autor conclui que as Forças Armadas chinesas estão sob

rígido controle do Poder Político, o qual não mede esforços para proporcionar os instrumentos necessários para o fortalecimento do EPL, buscando um incremento da projeção da RPC nos cenários regional e internacional, respaldando os interesses chineses com um poder militar palpável, aliando *hard power* ao *soft power*¹⁵ na defesa dos interesses nacionais no cenário global. Adicionalmente e, em que pese a tradição continental da China, a preponderância da Força Terrestre dentro do EPL vem caindo lentamente ao longo dos anos, segundo o entendimento deste autor. O crescente aumento da Força Naval chinesa, alcançando o *status* de maior Marinha da Ásia e segunda do mundo, demonstra o entendimento da elite dirigente chinesa quanto ao papel do Poder Marítimo como elemento fundamental na defesa dos interesses nacionais, em qualquer parte do globo terrestre.

15 Termos criados pelo cientista político norte-americano Joseph Nye Jr (1937). *Hard Power*, segundo Nye seria a capacidade de uma nação coagir ou induzir outra a seguir um curso de ação, enquanto *Soft Power* significa a habilidade de atrair outros graças à legitimidade das políticas de um país e seus valores, com a concepção de uma política externa mais flexível e suave (Nota do autor).

3 A ESTRATÉGIA NAVAL DA CHINA

Este capítulo buscará identificar e analisar a Estratégia Naval chinesa em vigor. Para uma maior compreensão da Estratégia Naval em curso, a evolução da doutrina militar da RPC será analisada desde os tempos de Mao Zedong até os dias atuais, buscando posicionar a MEPL dentro do espectro mais amplo da Estratégia Militar chinesa. Serão elencados também, o contexto geopolítico, os interesses marítimos e comerciais e as vulnerabilidades atuais da RPC que podem prejudicar o desenvolvimento de sua estratégia naval.

3.1 A EVOLUÇÃO DA DOCTRINA MILITAR CHINESA DE 1949 AOS DIAS ATUAIS

Para uma correta compreensão da Estratégia Naval chinesa em vigor é pertinente realizar uma análise da evolução da Doutrina Militar da RPC desde sua fundação até os dias atuais.

A doutrina denominada como “Guerra Popular” foi empregada pela RPC de 1949 até 1978 e consistia basicamente numa adaptação da estratégia da guerra de guerrilhas elaborada por Mao Zedong e utilizada com sucesso durante os confrontos contra as forças japonesas e nacionalistas nas décadas de 1920 a 1940. Segundo SILVA (2012), o princípio da “Guerra Popular” consistia em, no caso de uma invasão estrangeira, atrair o inimigo para as vastidões do interior do país e conduzir uma guerra de desgaste utilizando as forças regulares com o apoio da população, o que tornaria o custo da invasão muito dispendioso para que a mesma fosse mantida. A doutrina da “Guerra Popular” implicava na estruturação do EPL com numerosos efetivos de infantaria, cabendo a Marinha e a Força Aérea realizar tarefas defensivas sem capacidade de coordenação com as Forças Terrestres. A principal ameaça vislumbrada pela RPC à época da vigência da “Guerra Popular” era a URSS com a qual a

China passou a viver um permanente estado de tensão a partir de 1959¹⁶. A partir da modernização iniciada por Deng Xiaoping, foi adotada pela RPC em 1978 uma nova doutrina militar que recebeu o nome de “Guerra Popular sob modernas condições”. De acordo com SILVA (2012), o objetivo desta nova doutrina era preparar o EPL para uma nova forma de guerra, a qual sem abandonar as linhas mestras da “Guerra Popular”, permitiria travar uma guerra defensiva com maior mobilidade. Foi introduzido o conceito de “Defesa Ativa” o qual pregava que o EPL em vez de atrair o invasor para o interior do território chinês realizaria ações de bloqueio visando enfraquecer as forças atacantes e permitir a realização de contra-ataques pelas forças regulares. A principal ameaça ainda era a URSS.

Diante do novo cenário geopolítico iniciado em meados da década de 1980, quando os EUA e a URSS iniciaram um período de distensão nas suas relações, a liderança chinesa concluiu que as guerras de grande escala entre grandes potências tinha uma probabilidade cada vez menor de ocorrerem. Desta avaliação decorreu a formulação de uma nova doutrina militar denominada “Guerra Local” ou “Guerra Limitada”, a qual considerava a possibilidade de conflitos na periferia do país, incluindo áreas marítimas, e não apenas na fronteira com a URSS. A “Guerra Local” ou “Limitada” previa a realização de operações ofensivas, visando evitar conflitos de longa duração. Seria dada ênfase na formação de unidades de ação rápida (chamadas no EPL de “unidades de punho”), na condução de operações conjuntas e no maior desenvolvimento da Marinha e da Força Aérea (SILVA, 2012).

A Guerra do Golfo de 1991, conduzida por uma coalizão liderada pelos EUA para

16 A rivalidade entre China e Rússia remonta desde o século XV, originada em divergências entre os habitantes das regiões fronteiriças desde a Sibéria a Vladivostok. No final da década de 1950, um rompimento ideológico entre os dois países, ambos já sob o regime comunista, causado pela discordância de Mao Zedong com a política de coexistência pacífica conduzida pelo dirigente soviético Nikita Krushev (1894-1971) e na conseqüente recusa da China em aceitar a liderança da URSS (CHENG, 2013).

expulsar as tropas do Iraque que haviam invadido o vizinho Kuwait, impressionou profundamente as lideranças políticas e militares chinesas. Segundo CARRIÇO (2004), o emprego massivo do poder aéreo, o emprego de armamentos avançados de precisão e o efeito sinérgico das operações conjuntas conduzidas pela coalizão, levaram os estrategistas do EPL à conclusão de que deveriam ser feitas alterações na doutrina militar da RPC. A nova visão doutrinária chamada de “Guerra Local sob condições de Alta Tecnologia” pregava que a China deveria estar preparada para conflitos de curta duração e reduzido alcance temporal no qual seriam utilizados armamentos de elevado poder de destruição e precisão empregando forças de terra, mar e ar de alta mobilidade atuando em operações conjuntas. O orçamento militar recebeu um sistemático incremento desde o início da década de 1990, porém os efetivos do EPL foram reduzidos passando a se dar mais valor ao adestramento e ao armamento moderno. Para a MEPL, a nova doutrina significou uma busca por desenvolver meios mais modernos e para a capacidade de operar em águas oceânicas e se tornar uma marinha de águas azuis. O Presidente Hu Jintao (1942) anunciou uma derivação desta doutrina adicionando ao nome anterior o termo “informação”¹⁷, com princípios similares entre si, diferindo na maior modernização dos equipamentos militares (SILVA, 2012).

De acordo com CARRIÇO (2004), atualmente o EPL continua seu processo de modernização e redução de efetivos, mas, na verdade, coexistem na China em camadas sobrepostas as doutrinas da “Guerra Popular” (Mao Zedong), “Guerra Local” (Deng Xiaoping) e “Guerra Local sob condições de Alta Tecnologia e Informação” (Hu Jintao). As unidades de reação rápida, ainda em pequena proporção dentro do EPL, estariam aptas a conduzir a guerra segundo Hu Jintao, e as demais unidades do EPL, em companhia da milícia, seriam mais vocacionadas para as duas outras doutrinas.

17 Segundo Hu Jintao, “Guerra Local sob condições de Alta Tecnologia e Informação” (Nota do autor).

3.2 INTERESSES MARÍTIMOS DA CHINA NOS DIAS ATUAIS

O impressionante crescimento econômico chinês observado nas últimas décadas, impulsionado pela adoção do “socialismo de mercado” alçou a China ao posto de grande potência mundial. Este crescimento econômico se apoiou principalmente no desenvolvimento de uma grande indústria manufatureira voltada para o mercado externo. Este crescimento necessita de um grande aporte de insumos energéticos, basicamente petróleo e gás natural, para a sua manutenção. A demanda chinesa por energia deve continuar aumentando nos próximos anos paralelamente ao crescimento da economia. Segundo o Departamento de Defesa dos EUA (EUA, 2014), a China é o segundo maior importador mundial de petróleo. Em que pese a busca por outras formas de obtenção de energia, tais como a construção de grandes usinas hidrelétricas e a importação de petróleo e gás natural russos por meio de dutos, a maior parte das necessidades chinesas são atendidas pelo transporte marítimo. Analogamente, o fruto da industrialização chinesa destina-se ao mercado externo e é escoado em sua maioria através de navios (COLE, 2009). Desta forma, as linhas de comunicações marítimas são pontos de extrema relevância para o governo chinês. O Livro Branco de Defesa Chinês explicita que “os mares e oceanos oferecem imenso espaço e recursos abundantes para o desenvolvimento sustentável da China e, portanto, são de importância vital para o bem-estar das pessoas e para o futuro da China”¹⁸.

Segundo DUARTE (2013), os estreitos de Málaca, Sunda e Lombok são as artérias de interligação do comércio internacional com o interior do Mar do Sul da China por onde circulam cerca de 85% do comércio chinês, quer seja para o atendimento de demandas energéticas, quer para o transporte de produtos de exportação¹⁹. A ilustração do anexo A

18 CHINA, 2013. Original em inglês. Tradução do autor.

19 DUARTE (2013) afirma que cerca de 75% das importações de petróleo da China passarão pelo estreito de Málaca até o ano de 2025.

representa os principais pontos de estrangulamento para o tráfego marítimo chinês.

A atividade pesqueira continua importante para a China como o foi no passado. Segundo FIUZA (2008), a China possui uma grande frota pesqueira tornando-a a maior produtora mundial de pescados com o intuito de atender principalmente o mercado interno de mais de um bilhão de pessoas. A RPC tem buscado acordo com os demais países banhados pelo Mar da China para a preservação dos estoques pesqueiros e garantir a sustentabilidade da produção.

Outro importante interesse marítimo chinês que tem crescido muito em importância nos últimos anos diz respeito às tentativas de regulamentar suas águas jurisdicionais. Segundo BAKER e ZHANG (2012), as reivindicações chinesas têm origem na chamada “linha dos nove traços”²⁰, a qual foi baseada num antigo pleito formulado em 1947 ainda pelo governo do *Kuomintang* e adotada por Mao Zedong com a formação da RPC. Em 1953, o Ministério do Interior da RPC publicou um mapa contendo as chamadas linhas o qual transformava quase todo o Mar do Sul da China em águas jurisdicionais da RPC. A falta de resposta da comunidade internacional foi interpretada por Pequim como aceitação, entretanto a RPC se absteve de ocupar os espaços marítimos e de comentar o caso, provavelmente para não atrair contestações, principalmente dos países vizinhos.

Porém, a grande probabilidade de existência de jazidas de hidrocarbonetos no Mar da China levou a RPC a uma atitude mais assertiva no sentido de efetivar o controle destas águas. As outras nações lindeiras ao Mar da China também agiram no sentido de pleitear sua soberania sobre estes espaços marítimos. Tal fato ocasionou a existência de diversas áreas em disputa no Mar da China. No Mar do Sul da China, existem disputas sobre as Ilhas Spratly e s

20 A “linha de nove traços” deriva da “Linha de onze traços” elaborada pelo *Kuomintang*. Em 1953 a RPC reduziu o perímetro de reivindicações retirando dois pontos de restrição para mitigar conflitos com o Vietnã. As linhas não eram delimitadas por coordenadas precisas e baseavam-se em argumentos de pertencimento dos espaços marítimos em questão na antiguidade ao Império Chinês (BAKER e ZHANG, 2012).

Paracel (reivindicadas pela RPC, Taiwan, Vietnã, Malásia, Filipinas e Brunei). Já no Mar do Leste da China, a China disputa o arquipélago das Diaoyu com o Japão (que as denominam de Senkaku). Estas disputas geram frequentes tensões, porém a RPC procura manter a disputa na esfera diplomática (DUARTE, 2013). O anexo B apresenta as principais áreas em disputa no Mar da China.

Um último interesse marítimo sempre presente no imaginário chinês diz respeito à Taiwan. Segundo CARRIÇO (2004), Taiwan representa o reduto nacionalista obstruindo a reunificação nacional planejada pelo PCC e deixando um sentimento de missão inacabada e de vitória ainda por alcançar nos corações dos chineses. Uma declaração do General Zhu De (1886-1976), um dos fundadores do EPL é emblemática quanto à importância de Taiwan para a RPC: “Enquanto Taiwan não for libertada, o sentimento histórico de humilhação do povo chinês não se dissipará; enquanto a Mãe-pátria não se encontrar reunificada, a missão das Forças Armadas não estará cumprida”²¹.

3.3 A ESTRATÉGIA NAVAL DA CHINA

De acordo com COLE (2009), a marinha chinesa no século XXI está longe de ser uma mera arma de apoio das forças terrestres limitada à defesa costeira. Os maiores aportes de orçamento e o desenvolvimento de “uma estratégia marítima sofisticada”²² tornaram a MEPL uma força com um desenvolvimento operacional bem próximo das forças navais tradicionais.

CARRIÇO (2004), destaca que a doutrina militar chinesa adotada a partir da década de 1990 marcou a transição entre o conceito de estratégia “continental”, voltada para

21 CARRIÇO, 2004, p.1.

22 COLE, 2009, p.334.

uma ameaça oriunda da URSS, para o de “fronteira estratégica flexível”, deslocando o centro de gravidade da estratégia militar chinesa do norte para o sul, ou seja da fronteira russa para as Zonas Econômicas Especiais litorâneas²³, além de prever uma maior preocupação com os espaços aéreos e marítimos adjacentes ao território continental da RPC. Para a MEPL, a nova doutrina militar nacional acarretava na substituição de uma estratégia de defesa costeira por uma de defesa marítima, implicando na extensão do perímetro defensivo até uma distância de 400 milhas náuticas da costa. Esta alteração de postura veio a corroborar um estudo realizado no âmbito da MEPL durante a década de 1980 por ordem de seu comandante à época, o Almirante Liu Huaqing, que apontava para a necessidade de construir uma marinha oceânica.

Segundo BENNETT (2010), Liu Huaqing propôs a implementação de uma estratégia denominada defesa marítima ativa. Esta estratégia seria dividida em três fases, marcadas pelo nível de controle que a MEPL deveria alcançar de áreas geográficas específicas. No primeiro estágio, a MEPL deveria desenvolver um poder naval para estabelecer o controle sobre as águas até a chamada “primeira cadeia de ilhas”, que compreendem as ilhas que se estendem da China até a costa sul do Japão, passando através de Taiwan e das Filipinas (entre 200 e 700 milhas náuticas da costa da China). O segundo estágio seria marcado pelo controle da MEPL das águas até a denominada “segunda cadeia de ilhas”, que seriam as ilhas que correm de norte para sul desde o arquipélago das Kurilas passando pelas Ilhas Bonin, Marianas e Carolinas (até 1.800 milhas náuticas da costa da China). O derradeiro estágio do desenvolvimento da estratégia naval chinesa prevê a transformação da MEPL numa marinha de águas azuis nucleada em Navios Aeródromos e com capacidade de projeção a nível global ou seja, uma marinha de primeira classe segundo COUTAU-

23 As Zonas Econômicas Especiais são espaços geográficos localizados próximos ao litoral chinês criados no final da década de 1970 onde foram fornecidas facilidades para a fixação de capital estrangeiro com maior liberdade para os investidores. Sua criação foi decisiva para a integração da RPC à ordem econômica mundial (KISSINGER, 2011).

BÉGARIE (2010). Liu Huaqing fixou como prazo para concluir o primeiro estágio até o ano 2000, o segundo até 2020, culminando com alcançar a capacidade de águas azuis até 2050. O anexo C ilustra as linhas de referência para a projeção naval chinesa.

Liu Huaqing deu início a um grande programa de reaparelhamento para materializar a nova estratégia naval chinesa, recorrendo a meios produzidos no próprio país (usando amplamente tecnologia importada e engenharia reversa) e comprando unidades mais avançadas provenientes da Rússia e países oriundos da ex-URSS (CARRIÇO, 2004)²⁴. Dentre estas novas unidades, destacam-se alguns meios com capacidades oceânicas, tais como os Contratorpedeiros classe SOVREMENNY (adquiridos da Rússia) e LUHU e as Fragatas classe JIANGWEI, todos pesadamente armados com MSS. Quanto aos submarinos, merecem ser citadas as incorporações dos submarinos convencionais classe YUAN, dos SSN classes HAN e SHANG e dos SSBN classe JIN.

O Departamento de Defesa dos EUA (EUA, 2014) acrescenta que a RPC está desenvolvendo uma capacidade de negação de área a qual denominou de estratégia anti-acesso/negação de área, mais conhecida por sua sigla derivada do inglês A2/AD (Anti-Acess/Area Denial). Segundo BENNETT (2010), a estratégia A2/AD está incluída na estratégia naval da China e tem por objetivo negar a navios estrangeiros, particularmente dos EUA, o acesso às águas do Pacífico Ocidental. A estratégia A2/AD consiste em dispor em múltiplas camadas a partir da costa chinesa até o Pacífico Ocidental uma série de sistemas de armas compostos por aeronaves, navios de superfície, submarinos, mísseis balísticos e de cruzeiro baseados em terra, apoiados por sistemas de guerra eletrônica e de informação

24 Enquanto existem animosidades históricas entre China e Rússia, também existem interesses em comum. Além dos recentes acordos para fornecimento de petróleo e gás aos chineses, a Rússia também pode estar interessada em fazer com que os EUA mudem seu foco para o Pacífico, o que deixaria o *Kremlin* mais a vontade para aumentar sua influência sobre as nações eslavas da ex-URSS na Europa Oriental (Nota do autor).

visando atacar a longas distâncias quaisquer forças navais que constituam ameaça à RPC (EUA, 2014). No centro desta capacidade A2/AD encontram-se os mísseis de cruzeiro baseados em terra e em especial, o míssil balístico anti-navio Dong Feng DF-21D (COLE, 2013). De acordo com o Departamento de Defesa dos EUA, o DF-21D tem alcance de cerca de 1.500 km e possui ogivas manobráveis instaladas em veículos múltiplos de reentrada e conferem ao EPL a capacidade de atacar grandes navios, inclusive Navios Aeródromos (NAe), em movimento.

Um ponto relevante na atual estratégia naval da RPC foi a incorporação do primeiro NAe da MEPL, o LIAONING²⁵, ocorrida em setembro de 2012 (CHINA, 2013). Segundo CARRIÇO (2012), uma das principais metas de Liu Huaqing ao delinear a expansão da MEPL era dotar a força de Navios Aeródromos. Atualmente o LIAONING encontra-se realizando diversas comissões para a qualificação de pessoal e homologação para a realização de operações aéreas embarcadas. O Departamento de Defesa dos EUA afirma que a China em 2013 admitiu pela primeira vez sua vontade de desenvolver um programa para a construção de NAe no próprio país, o qual deverá concluir sua primeira unidade no início da década de 2020 (EUA, 2014).

BENNETT (2010), desenha a provável distribuição dos meios da MEPL para atender à sua estratégia naval de defesa marítima ativa com os Navios Patrulha lançadores de MSS atuando próximo à costa e os navios de maior autonomia, Contratorpedeiros e Fragatas, operando na primeira e segunda cadeia de ilhas. O Poder Aéreo chinês, em função de sua composição atual só poderá ser empregado até a primeira cadeia de ilhas²⁶. Com a entrada em

25 O LIAONING é o ex-NAe soviético RIGA da classe KUZNETSOV. Com a dissolução da URSS foi repassado à Ucrânia e rebatizado como VARYAG. Foi adquirido pela RPC em 2002 e revitalizado para uso da MEPL (Nota do autor).

26 As aeronaves de maior alcance no atual inventário chinês são os caças Sukhoi SU-30 de procedência russa, com raio de operação de cerca de 1.600 milhas náuticas (BENNETT, 2010).

operação do NAE, o braço aéreo poderá ser capaz de atingir a segunda cadeia de ilhas e além. Segundo FIUZA (2008), os submarinos convencionais chineses atuariam nas águas rasas até a primeira cadeia de ilhas. Os SSN por sua vez, seriam posicionados entre a primeira e segunda cadeia de ilhas para operações contra os SSN, SSBN e Grupos de Batalha nucleados em NAE inimigos, cabendo aos SSBN posicionar-se para dissuasão estratégica em função de sua capacidade de ataque nuclear²⁷.

Atenta à necessidade de proteger suas linhas de comunicações marítimas (LCM) e em consonância com a evolução de sua estratégia naval, a China tem procurado garantir por meio de acordos diplomáticos a cessão do uso de diversas bases navais ao longo do Oceano Índico, sistema conhecido como “colar de pérolas”. Com bases nas Ilhas Maldivas, Myanmar, Bangladesh e no Paquistão, a MEPL está em condição de proteger o tráfego marítimo de seu interesse desde o estreito de Málaca até o estreito de Ormuz (DUARTE, 2013). Para corroborar seu desejo de projeção oceânica, a MEPL mantém uma Força-Tarefa de navios de superfície para atuar no combate à pirataria no golfo de Áden e nas águas ao largo da Somália (CHINA, 2013).

3.4 VULNERABILIDADES MARÍTIMAS DA CHINA NOS DIAS ATUAIS

Embora busque desenvolver uma estratégia naval de projeção, a RPC possui algumas vulnerabilidades marítimas que não devem ser desconsideradas.

Segundo DUARTE (2013), a maioria dos meios da MEPL são baseados em tecnologia de procedência russa, a qual se encontra defasada em relação aos equipamentos de

²⁷ Ressalta-se que o Livro Branco de Defesa da RPC deixa clara a política do “*no first use*”, ou seja nunca utilizar armamento nuclear para um primeiro ataque. Porém, deixa também claro que o utilizará para retaliar a um ataque nuclear contra seu território (Nota do autor).

origem ocidental. Apesar do recebimento de alguns itens oriundos do ocidente (CARRIÇO, 2004), após o incidente da Praça Tiananmen²⁸ ocorrido em 1989, a proibição de venda de tecnologia militar para a RPC imposta pelos EUA a seus aliados vem dificultando o acesso a sistemas de armas mais avançados. A falta de experiência em combate do EPL como um todo também pode ser considerado como um aspecto negativo para a eficiência operacional da MEPL. Existem também dúvidas entre analistas ocidentais sobre as reais capacidades do propalado míssil balístico anti-navio DF-21C em atingir navios em movimento, o que comprometeria a eficácia da estratégia A2/AD. O argumento seria de que a tecnologia para que o sistema de guiagem do DF-21C fosse capaz de ter o desempenho anunciado estaria num patamar muito elevado para a indústria chinesa atual (COLE, 2013). Desta forma, a MEPL não teria no momento condições de enfrentar seu maior inimigo em potencial, a Marinha dos EUA, particularmente sua Sétima Frota sediada em portos japoneses. As marinhas do Japão e da Índia também seriam adversárias poderosas para a MEPL em caso de eventuais conflitos (GOLDMAN, 1996). Cabe ressaltar que a Índia acompanha com apreensão a expansão chinesa pelo Oceano Índico no contexto da implantação do “colar de pérolas”, em função de considerar aquele oceano como sua área de influência natural e tendo em suas lembranças os relativamente recentes conflitos sino-indianos (1962) pelas fronteiras na cordilheira do Himalaia (DUARTE, 2013).

Segundo DUARTE (2013), a conformação geográfica dos acessos marítimos da China também pode ser considerada como uma vulnerabilidade. Os estreitos de Málaca, Sunda e Lombok constituem pontos vitais para a RPC, pois sua posse por forças hostis permitiria o bloqueio da esquadra chinesa dentro do mar da China além de impedir o

28 O incidente de Tiananmen ou da “Praça da Paz Celestial” consistiu numa série de manifestações lideradas por estudantes chineses em Pequim que foram violentamente repelidos pelo EPL gerando fortes protestos por parte da comunidade internacional, sendo o mais contundente o embargo de venda de armas à RPC por parte dos EUA e da União Europeia (Nota do autor).

recebimento de insumos energéticos vitais para a economia do país. DUARTE (2013), considera ainda que é fundamental para a China mitigar esta vulnerabilidade geopolítica decorrente de um comércio baseado em importação de energia e dependente do transporte marítimo, que pode se tornar perigoso frente a um bloqueio naval. COLE (2013), relata um estudo elaborado pela RAND Corporation²⁹, o qual propõe usar o “feitiço contra o feiticeiro”. Segundo esta proposta, a instalação de sistemas de MSS baseados em terra pelos EUA em países aliados, a distâncias entre 100 e 200 km dos pontos de estrangulamento, poderia manter os navios da MEPL e os navios mercantes chineses “engarrafados” dentro da “primeira cadeia de ilhas” num hipotético conflito, configurando a possibilidade de estabelecer um bloqueio afastado à RPC, uma espécie de A2/AD às avessas. Desta forma, Taiwan adquire uma importância ainda maior para a RPC. Além das considerações históricas e culturais já citadas, o retorno de Taiwan à RPC permitiria mitigar esta vulnerabilidade geopolítica. Além de retirar dos EUA um importante ponto de apoio na região, o uso de bases em Taiwan minimizaria os efeitos de um eventual bloqueio naval e possibilitaria um acesso mais fácil da MEPL às águas azuis. (DUARTE, 2013). Isso seria particularmente importante para a Força de Submarinos da MEPL, pois seus meios, especialmente os de propulsão nuclear, alcançariam áreas mais favoráveis para sua operação sem ter que cruzar pelas águas rasas do mar da China (FIUZA, 2008).

Considerando o exposto neste capítulo, este autor entende que a China busca resolutamente se tornar uma potência naval com capacidade de projeção oceânica. Os interesses marítimos da RPC, em especial os de natureza econômica, levaram o país a se voltar para o mar. A estratégia marítima de defesa ativa conduzida atualmente está em

²⁹ Instituição norte-americana não-partidária, sem fins lucrativos que visa auxiliar a política e a tomada de decisões por meio de pesquisa e análise em questões de energia, educação, saúde, justiça, meio ambiente e assuntos internacionais e militares. Definição disponível em www.rand.org (Nota do autor).

consonância com os interesses políticos e estratégicos mais amplos da RPC, os quais evoluíram ao longo das últimas décadas seguindo a mudança do posicionamento chinês na ordem mundial. Os estágios delineados pelo Almirante Liu Huaqing para a expansão chinesa estão sendo cumpridos em prazos bem próximos ao cronograma planejado. Na visão deste autor, a propalada estratégia A2/AD nada mais é do que o primeiro e segundo estágios da estratégia marítima de defesa ativa. O próximo estágio, o de se tornar uma marinha de águas azuis, continua sendo perseguido com afinco. Adicionalmente, a condução de um programa consistente de obtenção de meios com capacidades oceânicas, dentre os quais destaca-se o de Navios Aeródromos, aponta para uma constante evolução da MEPL nas décadas vindouras. Embora algumas vulnerabilidades se coloquem no caminho da evolução do poder marítimo chinês, não resta dúvidas de que a RPC desenvolve políticas para mitigá-las, tais como o “colar de pérolas”, o qual além de proteger as LCM chinesas, busca conferir à MEPL uma capacidade de operar além do seu *mare nostrum*.

Tendo delineado a estratégia naval chinesa, enfocando tanto a situação atual quanto as perspectivas futuras, no próximo capítulo serão identificados, em face da atual estratégia chinesa, elementos que permitam dizer se os preceitos de Mahan influenciaram o desenvolvimento do poder marítimo chinês.

4 A INFLUÊNCIA DE MAHAN NA ESTRATÉGIA NAVAL CHINESA

Os escritos de Mahan sobre a mecânica da guerra naval podem ter sua idade, mas suas meditações sobre a lógica do poder marítimo, uma lógica fundada no comércio, bases e navios e em acessos comerciais, políticos e militares para outros teatros importantes, parece eterna (HOLMES *apud* ZECK, 2013)³⁰

Neste capítulo, serão elencados os princípios estratégicos mahanianos. Serão buscadas analogias com a Estratégia Naval chinesa em vigor. Tal análise será realizada no campo estratégico, pois, nas palavras do próprio Mahan, “de tempos em tempos, a estrutura das táticas tem que ser alterada ou totalmente virada do avesso, mas as fundações da estratégia mantêm-se como se estivessem assentadas em rochas”³¹. Não é recomendável trazer para os dias de hoje discussões sobre linhas de batalha e concentração de forças baseadas nos recursos tecnológicos disponíveis na virada do século XX.

4.1 PRINCIPAIS ELEMENTOS MAHANIANOS NO CAMPO ESTRATÉGICO

Um oficial de marinha medíocre, mas um dos maiores responsáveis pela grandeza das marinhas como instrumento de poder seria um bom epitáfio para Alfred Thayer Mahan. Apesar do paradoxo que representa, a frase tem bons argumentos para sua sustentação. Mahan serviu à marinha dos EUA por quarenta anos, atingindo o posto de Contra-Almirante na reserva. Apesar de ter lutado na Guerra de Secessão (1861-1865), comandado diversos navios, Mahan nunca demonstrou nem habilidade nem gosto pelas lides marinheiras. ALVES DE ALMEIDA (2009) cita diversas ocasiões em que Mahan levou navios sob o seu comando a

30 HOLMES, James *apud* ZECK, Zacharie. Alfred Thayer Mahan with chinese characteristics, 2013.

31 MAHAN, Alfred. T. The influence of sea power upon history, 1660-1783, p.89.

situações de perigo por sua imperícia na manobra³². Todavia, Mahan tinha especial pendore para a literatura e a historiografia, o que por fim o levou a se tornar um estrategista de renome a ponto de merecer a alcunha de “o profeta do poder marítimo”³³.

Influenciado pelas ideias do General Antoine-Henry Jomini (1779-1869)³⁴, Mahan adaptou as ideias do pensador franco-suíço sobre a guerra terrestre para os oceanos (RIBEIRO, 2010). Dessa forma, Mahan advogava que por mais que a tecnologia mudasse o mundo, a guerra naval seguiria inalterada, visto ser regida por princípios universais e perenes. Para chegar às suas conclusões sobre os, na sua opinião, imutáveis princípios da estratégia naval, Mahan baseou seus estudos principalmente na ascensão do império marítimo britânico e suas guerras com a França no século XVII. Sua obra mais famosa foi o clássico “*The influence of sea power upon history, 1660- 1783*”, publicada em 1890 na qual ele cunhou a célebre expressão *sea power* (MONTEIRO, 2013). Estudiosos atribuíram diversas traduções e conceituações para o termo *sea power*, mas neste trabalho adotaremos a denominação de Poder Marítimo. Este termo corresponde ao conceito adotado pela Marinha do Brasil (MB), que consiste “na capacidade resultante da integração dos recursos de que dispõe a Nação para a utilização do mar e das águas interiores, quer como instrumento de ação política e militar, quer como fator de desenvolvimento econômico e social” (BRASIL, 2014). Mahan considerava o Poder Marítimo como a resultante de vários fatores (militares, políticos, econômicos) que levariam à projeção de uma nação no cenário global. Segundo Mahan, existiam algumas condições fundamentais para que uma nação desenvolvesse um grande poder marítimo, as quais ele nomeou como fontes do Poder Marítimo: a posição geográfica, a

32 ALVES DE ALMEIDA (2009) em seu estudo menciona diversas cartas em que Mahan confessa se sentir desgostoso e amargurado pelo simples fato de viver a bordo de um navio.

33 Epíteto atribuído a Henry Stimson (1867-1950), Secretário da Guerra dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial (MONTEIRO, 2009).

34 A influência de Jomini sobre Mahan deve-se a seu pai, Dennis Hart Mahan (1802-1871), que foi instrutor da Academia Militar de West Point, onde as ideias de Jomini eram amplamente divulgadas (Nota do autor).

configuração física e extensão territorial, a população, o caráter do povo e o caráter do governo. A posição geográfica, a configuração física e a extensão territorial de um país influenciam a forma como seu povo busca construir um grande poder marítimo, pelas facilidades de acesso às rotas de navegação, construção de portos e disponibilidade de acesso a recursos naturais. O caráter do povo diz respeito à inclinação de uma determinada população a se dedicar aos assuntos do mar e o o caráter do governo por sua vez, se relaciona ao grau de comprometimento da máquina estatal com o desenvolvimento do poder marítimo nacional (BRASIL, 2007).

Os oceanos, ou “*the grand common*” como Mahan os chamava, proporcionariam as linhas de comunicação fundamentais para a circulação das riquezas do mundo, uma espécie de ponte entre os povos. De acordo com MONTEIRO (2009), o pensamento estratégico de Mahan poderia ser sintetizado na assertiva de que o “o domínio do mar era a chave para a hegemonia mundial, pois conduz à riqueza em tempo de paz e à vitória em tempo de guerra”³⁵. O domínio do mar seria obtido pela marinha de guerra numa batalha decisiva contra a esquadra de combate do inimigo. Na verdade, a expressão usada por Mahan era “*control of the sea*”, ou controle do mar, ou ainda controle das comunicações marítimas. Não serão abordados os conceitos de batalha decisiva e tampouco as gradações do controle do mar tal qual formulados por Mahan, pois no entendimento deste autor possuem improvável aplicação nos tempos atuais devido às grandes alterações tecnológicas ocorridas desde então.

RIBEIRO (2010), assevera que o pensamento estratégico de Mahan está centrado em três aspectos: o acesso ao mar, o controle das rotas comerciais e o desenvolvimento das áreas litorâneas. Neste contexto, o poder naval, um dos componentes do poder marítimo, se torna instrumento fundamental da competição entre as grandes nações e materializa as marinhas de guerra como instrumento político.

35 MONTEIRO (2009), p.2.

Para permitir uma maior permanência da esquadra de combate nas áreas de interesse e melhor projetar o seu poder marítimo, Mahan propunha que as nações deveriam dispor de bases navais, que possibilitasse os reparos necessários aos navios bem como descanso para as tripulações. Estas bases poderiam ser estabelecidas em territórios coloniais ou em países aliados (MAHAN, 1890).

Segundo KROPSEY e MILIKH (2012), Mahan acreditava que uma próspera indústria naval é a força motriz que produz naturalmente uma marinha de guerra saudável. Adicionalmente, o desenvolvimento de uma marinha de águas azuis sem uma frota comercial de porte resultará na formação de um poder marítimo precário e de curta duração. Para Mahan uma boa marinha fornece as bases para um comércio marítimo próspero e protege a sua continuação.

Tendo servido aos propósitos expansionistas dos EUA sob a presidência de Theodore Roosevelt (1858-1919) e ao crescimento do poder naval alemão do Kaiser Guilherme II (1859-1941), a validade dos pensamentos estratégicos de Mahan nos dias atuais tem seus defensores. ALVES DE ALMEIDA (2009) afirma que Mahan entabulou um novo paradigma estratégico naval e como tal, foi contestado por uns, apoiado por outros, mas certamente estudado por todos os pensadores depois dele. O britânico Collin Gray vai ainda mais longe ao dizer que “compreender a moderna estratégia é compreendê-la em todas as idades, portanto Mahan está globalmente correto e sempre estará”³⁶. A suposta antítese às ideias de Mahan apresentada pelo britânico Julian Stafford Corbett (1854-1922), fogem ao escopo deste estudo. Não obstante, MONTEIRO (2009), argumenta que, na verdade, Corbett refinou o pensamento de Mahan, aprofundando seus estudos e desta forma, a controvérsia entre Corbett e seu predecessor seria apenas aparente, tendo em vista que o alicerce das duas teorias foi na verdade estabelecido por Mahan.

36 GRAY *apud* MONTEIRO, (2009), p.2.

4.2 ELEMENTOS MAHANIANOS NA ESTRATÉGIA NAVAL DA CHINA

A primeira vez que o público chinês tomou contato com as ideias de Mahan foi por volta de 1900. De acordo com WANLI (2011), apenas dez anos após a publicação de “*The influence of sea power upon history, 1660-1783*”, as obras de Mahan começaram a ser publicadas periodicamente no jornal “*East Asia Times*”, de Xangai. O líder nacionalista Sun Yat-Sen (1866-1925) tinha profundo respeito pela ideologia de Mahan. Tendo em mente as humilhações sofridas por seu país nas mãos de potências marítimas coloniais, Sun Yat-Sen defendeu a construção de uma Marinha forte como ponto central na edificação da defesa nacional. No entanto, as mudanças ideológicas advindas com o regime comunista postergaram o sonho do poder marítimo chinês.

LORD (2009), afirma que o único lugar do mundo hoje em dia em que Mahan é estudado seriamente é na China. MONTEIRO (2009), acrescenta que a única área do mundo onde Mahan continua a ser considerado como um profeta é a região da Ásia/Pacífico, onde várias marinhas (em particular a MEPL) desenvolvem programas de reaparelhamento que parecem coadunar com as teorias do pensador norte-americano. De acordo com McVADON (2009), vários oficiais da MEPL confidenciaram que as obras de Mahan sobre o poder do mar e do comércio transoceânico fazem parte da educação militar profissional da oficialidade da força naval chinesa. ERICKSON e GOLDESTEIN (2009) afirmam que os escritos de Mahan são estudados com detalhes na RPC e citam o depoimento do Coronel da Força Aérea do EPL Dai Xu de que “a descoberta e a exploração do conceito de poder marítimo permitiram aos EUA alcançar a posição de potência hegemônica mundial”. WANLI (2011) acrescenta que com o aumento da força nacional da China, a teoria do poder marítimo está mais uma vez inspirando e estimulando um grande debate entre os pensadores estratégicos chineses. Segundo HOMES (2008), o maior porta-voz da escola mahaniana chinesa é o Professor Ni

Lexiong do Instituto de Pesquisa da Guerra e da Cultura, da Universidade de Ciência e Engenharia do Leste da China. O Professor Ni combate os teóricos da globalização que, segundo ele, são contrários ao fortalecimento do poder naval chinês por medo de alarmar a potência naval hegemônica, os EUA. Ni defende o estabelecimento de um forte poder marítimo que atue, de forma cooperativa, como o melhor caminho para a China.

Mas como o governo chinês reage aos preceitos mahanianos? ZECK (2013) cita um discurso do atual Presidente da RPC, Xi Jinping, perante o Comitê Central do PCC, em julho de 2013, no qual o dirigente chinês clama pela transformação da China numa “potência marítima” e ressalta que “no século XXI, os mares e oceanos têm uma importância crescente no status estratégico sobre a competição global nos âmbitos da política, desenvolvimento econômico, militar e tecnologia”. Na opinião de ZECK, este discurso deixa poucas dúvidas de que a China, a longo prazo, busca desenvolver um poderoso poder marítimo o qual usará ativamente para alcançar todos os tipos de fins políticos e econômicos e traça claros paralelos das afirmações do líder com o pensamento de Mahan. ERICKSON (2008) afirma que os estrategistas navais chineses parecem ter criado sua própria lógica universal sobre o poder marítimo, a qual seria um misto de correntes mahanianas e marxistas e destaca que um esforço no sentido de reforçar as capacidades navais da RPC, sustentado pela liderança chinesa, está claramente em andamento. As limitações à expansão naval chinesa dever-se-iam mais à disponibilidade de recursos do que à ideologia.

O Vice-Almirante reformado da marinha japonesa Hideaki Kaneda, faz uma associação explícita da China do presente com a estratégia marítima de Mahan. Kaneda argumenta que a China possui bem desenvolvidas as seis fontes do poder marítimo pontificadas por Mahan, incluindo a geografia favorável, uma grande população e a vontade nacional para a expansão ultramarina (HOLMES, 2008). KROPSEY e MILIKH (2012)

acrescentam que se Mahan ainda vivesse, ele notaria que em função de seu impasse geográfico com a Índia a sudoeste e com a Rússia ao norte, a RPC seguiria o caminho do mar. LORD (2009) descreve um renascimento do interesse na China contemporânea sobre as façanhas do Almirante Zheng He o que sugere que os chineses estão cada vez mais apreciando o "*soft power*" emanado do poder marítimo. Segundo COLLINS e GRUBB (2009), os estaleiros navais da RPC conseguiram galgar vários avanços em tecnologia e complexidade, o que permitiu que a indústria naval chinesa desenvolvesse um grandioso e sustentável programa de construção de navios tanto comerciais como militares.

O Livro Branco de Defesa da RPC (CHINA, 2013) afirma categoricamente que a MEPL deve desenvolver uma capacidade de atuar em águas azuis. A busca determinada por possuir e operar Navios Aeródromos, expressa no próprio Livro Branco de Defesa chinês, aponta para o advento de concepções mahanianas. Segundo KRAZIANIS (2014), nada é mais sinônimo de grande poder do que um NAE e sua escolta. Além do grande ganho operacional e de uma efetiva capacidade oceânica, ingressar no seleto grupo de operadores de NAE trará grande prestígio para a China. LORD (2009) afirma que embora seja pouco provável que os chineses possam num futuro próximo desafiar os EUA para uma batalha decisiva de grandes forças de superfície no Pacífico, eles mostram sinais claros de estarem se afastando de uma estratégia fortemente dependente de submarinos e de mísseis baseados em terra para a composição de uma força naval equilibrada com grande número de meios de superfície. LORD acrescenta que é difícil projetar "*soft power*" com um marinha centrada em submarinos.

A defesa das suas LCM, a garantia do recebimento de insumos energéticos por via marítima e a segurança de cidadãos chineses no exterior é um dos aspectos destacados no Livro Branco de Defesa (CHINA, 2013) como componente importante dos interesses

nacionais chineses. DUARTE (2013) destaca o “colar de pérolas” como um ponto nitidamente influenciado pelos preceitos mahanianos. LORD (2009) acrescenta que o estabelecimento de uma infraestrutura de bases navais permanentes do estilo do “colar de pérolas” sugere que a transformação marítima da China veio para ficar. A manutenção de uma Força Tarefa em missões de escolta operando no Golfo de Áden tem como propósito de, além de proteger suas LCM, aumentar a projeção naval chinesa no Oriente Médio e na África. Uma prova dessa capacidade de projeção foi o deslocamento de um dos meios desta Força Tarefa antipirataria (a Fragata Xuzhou) para o largo da Líbia, em fevereiro de 2011, com a tarefa de evacuar cidadãos chineses durante a grave crise institucional que assolou aquele país (CHINA, 2013).

Em face do exposto, este autor conclui que o constructo teórico científico de Mahan ainda continua válido enquanto filosofia de orientação do emprego do poder nacional. Considerações de ordem tática, cabe lembrar, fogem ao escopo deste trabalho. Entretanto, em defesa da obra de Mahan, é conveniente frisar que os avanços tecnológicos naturais trataram de fornecer os meios para a exploração da tática num nível que Mahan não poderia prever em sua época. Contudo, a exploração da sinergia entre a construção naval, o comércio marítimo e o poder naval, bem como o estabelecimento de uma rede de bases navais para apoiar a projeção nacional em áreas de interesse estratégico, são preceitos mahanianos de comprovada validade nos tempos atuais.

A pesquisa apresentada indica que os pensamentos de Mahan são estudados em detalhe dentro dos círculos acadêmicos e militares chineses. Por outro lado, pode-se afirmar que a RPC desenvolve as fontes do poder marítimo de maneira vigorosa. Suas características geográficas a direcionam para o oceano. O seu povo desenvolve uma crescente mentalidade marítima e o aparato estatal chinês lidera uma bem definida política de desenvolvimento do poder marítimo em todos os seus componentes, em especial o poder naval e o comércio

marítimo. O comércio marítimo aliás, é a grande locomotiva que traciona o crescimento do poderio chinês. A China busca desenvolver os meios para possuir uma marinha com capacidade de projeção global, o que indica uma clara tendência mahaliana. Por fim, se Mahan vivesse, provavelmente teceria loas ao “colar de pérolas”, enquadrando esta política como modelo no estabelecimento de uma rede de apoio para a expansão do poder marítimo de uma nação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível apreender no decorrer do presente trabalho, o constructo teórico científico de Mahan no campo estratégico permanece válido enquanto filosofia de orientação do emprego do poder nacional. A sinergia entre construção naval, o comércio marítimo e o poder naval, apoiado por uma rede de bases navais próximas às áreas de interesse estratégico são preceitos mahanianos de comprovada validade nos tempos atuais.

Ficou evidenciado que os pensamentos de Mahan são estudados detalhadamente pelos círculos acadêmicos e militares chineses. A RPC utiliza as fontes do poder marítimo de maneira vigorosa. Suas características geográficas favorecem o desenvolvimento do poder marítimo e suas elites desenvolvem uma crescente mentalidade marítima. O poder político chinês tem rígido controle sobre suas forças armadas e não mede esforços em prover os instrumentos necessários para o fortalecimento de sua marinha, em que pese a tradição continental da China. O crescente aumento da força naval chinesa, alcançando o *status* de maior marinha da Ásia demonstra o entendimento do *Politburo* chinês quanto ao papel do poder marítimo como elemento fundamental na defesa dos interesses nacionais, em qualquer parte do globo terrestre.

É perceptível que a China busca resolutamente se tornar uma potência naval com capacidade de projeção oceânica. A estratégia marítima de defesa ativa conduzida atualmente está em consonância com os interesses político estratégicos mais amplos da RPC, os quais evoluíram ao longo das últimas décadas seguindo a mudança do posicionamento chinês na ordem mundial. A condução de um programa consistente de obtenção de meios com capacidades oceânicas, dentre os quais merece destaque o de Navios Aeródromos, aponta para uma progressiva evolução da marinha chinesa nas décadas vindouras. Por outro lado, a pujança da construção naval chinesa assinala uma política coerente quanto ao desenvolvimento do poder marítimo da RPC, buscando a construção de uma forte marinha

mercante respaldada por uma marinha de guerra dotada de poder militar crível e capaz de protegê-la onde se fizer necessário. Seria esta semelhança com as máximas de Mahan uma mera coincidência?

Embora algumas vulnerabilidades se coloquem no caminho da evolução do poder marítimo chinês, não resta dúvidas de que a RPC desenvolve políticas para mitigá-las, tais como o “colar de pérolas”, o qual além de proteger as linhas de comunicações marítimas chinesas, busca conferir à sua força naval uma capacidade de operar além do seu *mare nostrum*.

O “colar de pérolas” merece uma atenção especial na análise desenvolvida neste estudo. Ciente da importância do comércio marítimo para o seu desenvolvimento, a China construiu um mecanismo eficiente para proporcionar a atuação do seu poder naval desde o Oceano Índico ao Golfo Pérsico, não por acaso principal origem dos recursos energéticos fundamentais para sua capacidade industrial. O estabelecimento da citada rede de bases ao longo de suas linhas de comunicações marítimas mais importantes são as mais eloquentes evidências de que os chineses passaram da teoria à prática em relação aos preceitos formulados por Mahan.

Em suma, por mais que o nacionalismo chinês não permita admitir, o pensamento estratégico de Alfred Thayer Mahan foi adaptado e vem sendo colocado em prática pela República Popular da China. O exposto permite a este autor afirmar que a evolução do poder marítimo chinês, em todas as suas componentes, apresenta sinais claros de ter sido planejada bem como estar sendo conduzida em consonância com a filosofia mahaniana.

REFERÊNCIAS

ALVES DE ALMEIDA, Francisco E. **O Poder Marítimo sob o ponto de vista estratégico entre 1540 e 1945: uma comparação entre as concepções de Alfred Thayer Mahan (1840-1914) e Heberth Willian Richmond (1871-1946)**. 2009. 341 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://teses2.ufrj.br/Teses/IFCS_M/FranciscoEduardoAlvesdeAlmeida.pdf>. Acesso em 02 jul. 2014.

BAKER, Rodger; ZHANG, Zhixing. **O paradoxo da estratégia naval da China**. Right Side News. 2012. Disponível em: <<http://www.naval.com.br/blog/2012/07/22/opiniao-estrangeira-o-pardoxo-da-estrategia-naval-da-china/#axzz21jDY7V39>>. Acesso em: 06 maio.2014.

BENNETT, David. **A defesa marítima ativa da Marinha do Exército de Libertação Popular da China**. Global Security Studies, 2010. Disponível em:<<http://www.globalsecuritystudies.com/Bennett%20%China%20CORRECT.pdf>>. Acesso em: 07 maio.2014.

BRASIL. Estado Maior da Armada. **EMA-305. Doutrina Básica da Marinha**. Brasília: 2014.

_____. Escola de Guerra Naval. **EGN-304B. Guia de Estudos de Estratégia**. Rio de Janeiro: 2007.

CARRIÇO, Alexandre M. Garinhas. **A Doutrina Operacional do Exército Popular de Libertação para o século XXI**. Nação e Defesa nº 107. Lisboa: Instituto de Defesa Nacional, 2004. Disponível em:<<http://www.idn.gov.pt/index.php?mod=1321&cod=109#sthash.eNTKv.hqh.dpbs>>. Acesso em 19. mar.2014.

_____. **Uma incursão na dinâmica militar no Estreito de Taiwan: fatores de hardware e software**. Revista Militar, Lisboa, nº 2424, 2004. Disponível em:<http://www.revistamilitar.pt/revista.php?rev_rev=num_2424>. Acesso em 20. mar.2014.

_____. **A visita a Portugal do General Ge Zhenfeng: subsídios para uma primeira análise**. Revista Militar, Lisboa, nº 2433, 2004. Disponível em:<http://www.revistamilitar.pt/revista.php?rev_rev=num_2433>. Acesso em 10. maio.2014.

_____. **As abordagens empíricas de análise das relações entre “civis e militares”: o caso da República Popular da China**. Revista Militar, Lisboa, nº 2449, 2006. Disponível em:<http://www.revistamilitar.pt/revista.php?rev_rev=num_2449>. Acesso em 20. mar.2014.

_____. **O Shi Lang e o J-20: implicações estratégicas e operacionais regionais.** Revista Militar, Lisboa, nº 2523, 2012. Disponível em: <http://www.revistamilitar.pt/revista.php?rev_rev=num_2523>. Acesso em 09. abr.2014.

CHENG, Yang. **Sino-Russian border dynamics in the Soviet and Post-Soviet era: a chinese perspective.** In: Berlin Conference on Asia Security, 7, 2013, Berlin. Organized by Stiftung Wissenschaft und Politik (SWP) and Konrad Adenauer Stiftung (KAS). Berlin: 2013. Disponível em: <http://www.swp-berlin.org/fileadmin/contents/products/projekt_papiere/BCAS2013_Yang_Cheng.pdf>. Acesso em 16 jul. 2014.

CHINA. **China`s National Defense White Paper in 2013.** Information Office of the State Council. People`s Republic of China. 16 de abril de 2013. Disponível em: <http://news.xinhuanet.com/english/china/2013-04/16/c_132312681.htm>. Acesso em 19. mar. 2014.

COLE, Bernard. **More red than expert: chinese sea power during the cold war.** In: ERICSON, Andrew (Ed.). **China goes the sea: maritime transformation in comparative historical perspective.** Annapolis: Naval Institute Press, 2009.

COLE, J. Michael. **The DF-21D or "Carrier Killer": An Instrument of Deception?** The diplomat, Tóquio, 22 de abril de 2013. Disponível em: <<http://thediplomat.com/2013/04/the-df-21d-or-carrier-killer-an-instrument-of-deception/>>. Acesso em 16 jul. 2014.

_____. **How A2/AD can defeat China.** The diplomat, Tóquio, 12 de novembro de 2013. Disponível em: <<http://thediplomat.com/2013/11/how-a2ad-can-defeat-china/>>. Acesso em 29 jul. 2014.

COLLINS, Gabriel; GRUBB, Michael. **China Stong foundation: contemporary chinese shipbuilding prowess.** In: ERICSON, Andrew S. (Ed.). **China goes the sea: maritime transformation in comparative historical perspective.** Annapolis: Naval Institute Press, 2009.

COUTHOU-BÉGARIE, Hervé. **Tratado de Estratégia.** Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010.

DUARTE, Paulo. **A China e o mar: a natureza mutável do comportamento naval chinês.** Revista Militar, Lisboa, nº 2535, 2013. Disponível em: <<http://www.revistamilitar.pt/lstema.php?tema=31>>. Acesso em 15 maio. 2014.

ERICKSON, Andrew S. **Can China become a maritime power?** In: YOSHIARA, Toshi; HOLMES, James (Ed.). **Asia looks seaward: Power and maritime strategy**. Westport: Praeger Security International, 2008.

ERICKSON, Andrew S; GOLDESTINE, Lyle J. **China studies the rise of great powers**. In: ERICKSON, Andrew S. (Ed.). **China goes the sea: maritime transformation in comparative historical perspective**. Annapolis: Naval Institute Press, 2009.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. **A modern navy with chinese characteristics**. Washington: Office of Naval Intelligence, 2009. Disponível em: <<http://fas.org/irp/agency/oni/>>. Acesso em 05 jul.2014.

_____. **Annual report to Congress: military and security developments involving the People's Republic of China 2014**. Washington: Department of Defense, 2014. Disponível em: <http://www.defense.gov/pubs/2014_DoD_China_Report.pdf>. Acesso em 03 jul.2014.

FIUZA, Roberto Konke de O. **O emprego de submarinos na estratégia naval da China**. 2008. 58 f. Monografia (Curso de Política e Estratégia Marítimas) – Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2008.

FRANÇA, Júnia Lessa et al. **Manual para Normalização de publicações técnico-científicas**. 8. ed. rev. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

GOLDMAN, Jeffrey B. **China's Mahan**. Proceedings Magazine, United States Naval Institute, Annapolis, Volume 122/3/1,117, março de 1996. Disponível em: <<http://http://www.usni.org/magazines/proceedings/1996-03/chinas-mahan>>. Acesso em 28 maio. 2014.

HECKSHER, Marcelo. **Exército de Libertação Popular de Libertação – Considerações políticas e doutrinárias**. Rio de Janeiro: 2007. Disponível em: <<http://www.reservaer.com.br/estrategicos/epl>>. Acesso em 28 abr.2014.

JIRU, Shen. **A estratégia internacional chinesa no século XXI**. In: BELLUCCI, Beluce (Org.). **Abrindo os olhos para a China**. Rio de Janeiro: EDUCAM, 2004.

KECK, Zacharie. **Alfred Thayer Mahan with chinese characteristics**. The diplomat, Tóquio, 01 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://thediplomat.com/2013/08/alfred-thayer-mahan-with-chinese-characteristics/>>. Acesso em 28 maio. 2014.

KRAZIANIS, Harry. **Why to ignore China's aircraft carriers.** The diplomat, Tóquio, 28 de janeiro de 2014. Disponível em: <<http://thediplomat.com/2014/01/why-to-ignore-chinas-aircraft-carriers/>>. Acesso em 27 abr. 2014.

KROPSEY, Seth; MILIKH, Arthur. **Mahan's naval strategy: China learned it. Will America forget it?** World Affairs Journal, mar/abr 2012, Washington. Disponível em: <<http://www.worlaffairsjournal.org/article/mahan%E2%80%99s-naval-strategy-china-learned-will-america-forget-it>>. Acesso em 28 maio.2014.

HOLMES, James R. **Japanese maritime thought: If not Mahan, who?** In: YOSHIARA, Toshi; HOLMES, James (Ed.). **Asia looks seaward: Power and maritime strategy.** Westport: Praeger Security International, 2008.

KISSINGER, Henry. **Sobre a China.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2011.

LOBO, Carlos E. Riberi. **A República Popular da China e a trajetória de suas Forças Armadas.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em:<<http://www.pucsp.br/geap/artigos/artigo3.PDF>> Acesso em: 10 maio.2014.

LORD, Carnes. **China and maritime transformations.** In: ERICSON, Andrew S. (Ed.). **China goes the sea: maritime transformation in comparative historical perspective.** Annapolis: Naval Institute Press, 2009.

MAHAN, Alfred T. **The influence of sea power upon history, 1660-1783.** Boston: Little, Brown and Company, 1918.

McGREGOR, Richard. **The Party: The secret world of China's communist rulers.** Londres: Penguin books, 2012.

McVADON, Eric. **China's navy today: looking toward blur water.** In: ERICSON, Andrew S. (Ed.). **China goes the sea: maritime transformation in comparative historical perspective.** Annapolis: Naval Institute Press, 2009.

MONTEIRO, Nuno S. **Mahan, Corbett e o Poder naval no século XXI.** In: Simpósio de História Marítima, XI, Lisboa, 2009. Lisboa: Academia de Marinha, 2009. Disponível em: <<http://www.egn.mar.mil.br/exameselecao.htm>>. Acesso em: 03 jul. 2014.

_____. **Mahan, Sete Virtudes e sete pecados.** Cadernos Navais nº 45, 2013. Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 2013. Disponível em: <http://www.marinha.pt/pt-pt/historia-estrategia/estrategia/estudos-reflexos/cadernosnavais/cadernos_navais45.pdf>. Acesso em 16 jul. 2014.

O' Rourke, Ronald. **Maritime Territorial and Exclusive Economic Zone (EEZ) disputes involving China: Issues to Congress.** Washington: Congressional Research Service, 03 jun. 2014. Disponível em: <<http://fas.org/sgp/crs/row/R42784.pdf>>. Acesso em 25 jul.2014.

RIBEIRO, Antônio S. **Mahan e as marinhas como instrumento político.** Lisboa: Revista Militar nº 2450, 2010. Disponível em: <http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id569>. Acesso em 09 jul. 2014.

SILVA, Wendell W. Cristy e. **Evolução da doutrina militar chinesa: de Deng Xiaoping até 2010.** In: Encontro estudual da Associação Brasileira de Estudos de Defesa. 12 a 14 de novembro de 2012. João Pessoa: Anais do ABED-PB, 2012. Disponível em: <<http://www.abedpd.org/anais/index.php/2012/article/view/28>>. Acesso em 28 abr.2014.

WANLI, Yu. **Re-thinking China's “sea power” strategy in modern times.** China-US focus. 14 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://www.chinausfocus.com/peace-security/%E2%80%9Csea-power%E2%80%9D-in-chinese-maritime-strategic-thinking/>>. Acesso em 28 maio. 2014.

ANEXO A – PRINCIPAIS PONTOS DE ESTRANGULAMENTO PARA O TRÁFEGO MARÍTIMO CHINÊS

UNCLASSIFIED

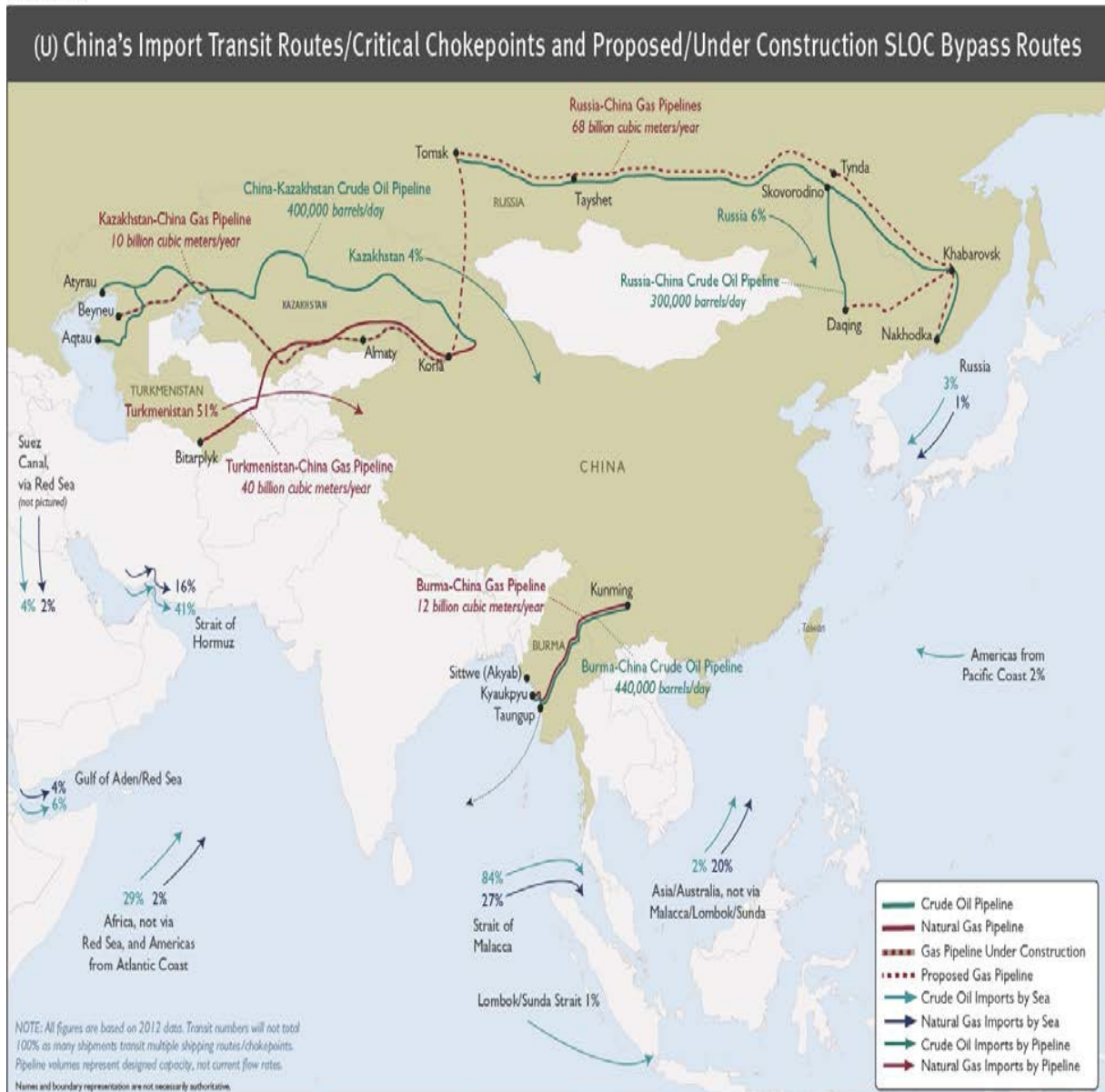


FIGURA 1 – Principais pontos de estrangulamento para o tráfego marítimo e rotas de abastecimento de insumos energéticos da República Popular da China.

Fonte: Estados Unidos da América. Anual report to Congress: military and security developments involving the People's Republic of China 2014. Washington: Department of Defense, p.84, abr. 2014.



FIGURA 2 – Linhas de Comunicações Marítimas críticas para a República Popular da China.

Fonte: Estados Unidos da América. A modern navy with chinese characteristics. Washington: Office of naval intelligence, p.09, ago. 2009.

ANEXO B – PRINCIPAIS ÁREAS MARÍTIMAS EM DISPUTA PELA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

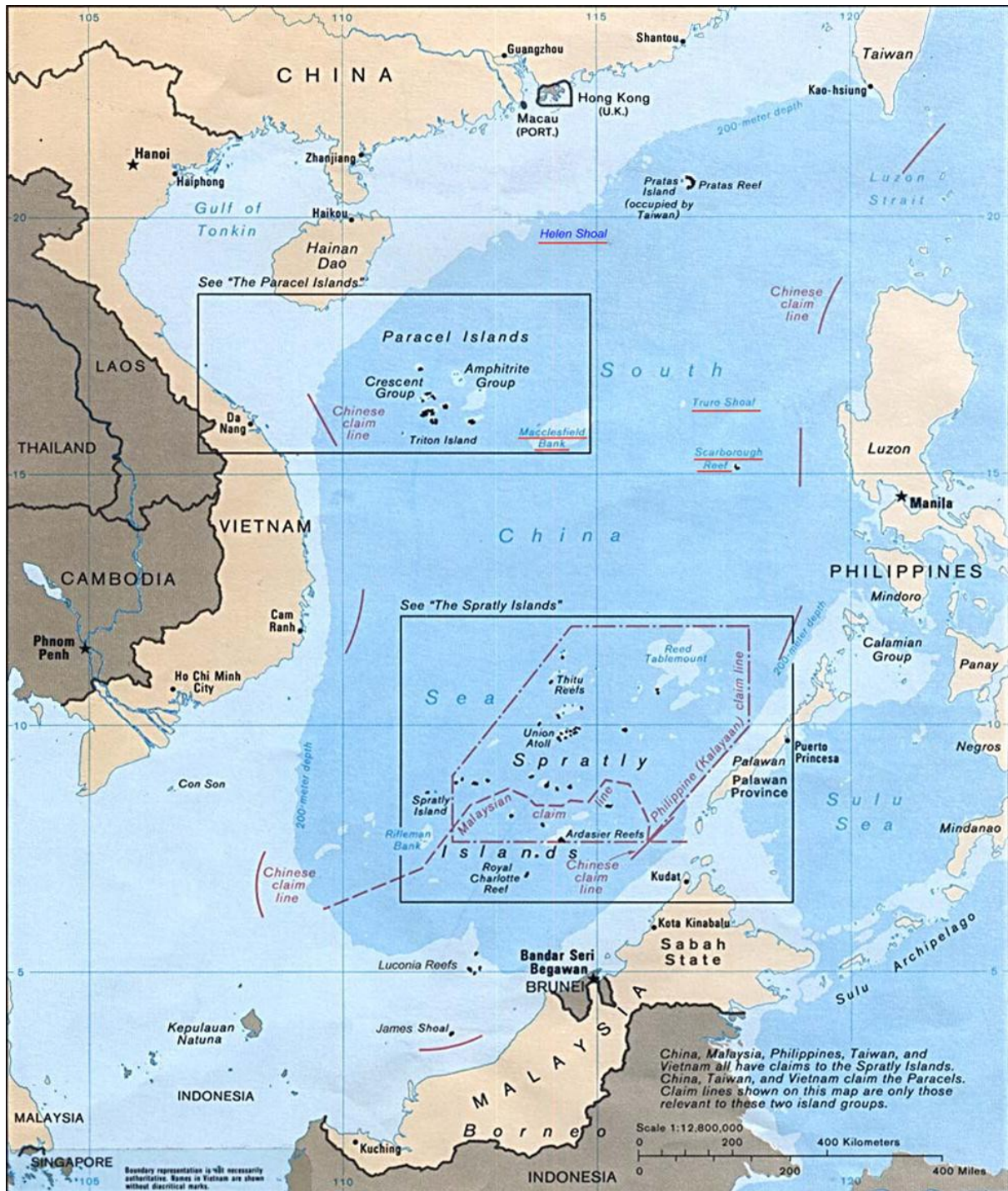


FIGURA 3 – Principais áreas marítimas em disputa pela República Popular da China no Mar do Sul da China.

Fonte: DUARTE, Paulo. A China e o mar: a natureza mutável do comportamento naval chinês. Lisboa: Revista Militar, p.01, abr. 2013.



FIGURA 4 – Principais áreas marítimas em disputa pela República Popular da China nos Mares do Sul e do Leste da China.

Fonte: O'Rourke, Ronald. Maritime Territorial and Exclusive Economic Zone (EEZ) disputes involving China: Issues to Congress. Washington: Congressional Research Service, p.03, 03 jun. 2014.

ANEXO C – ÁREAS DE REFERÊNCIA PARA A ESTRATÉGIA NAVAL DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA



FIGURA 5 – Primeira e Segunda Cadeia de Ilhas.

Fonte: DUARTE, Paulo. A China e o mar: a natureza mutável do comportamento naval chinês. Lisboa: Revista Militar, p.02, abr. 2013.